

Fala de Encerramento

Eduardo Losicer

SAUDAÇÃO À ASSEMBLÉIA

(transcrição da fala na mesa de encerramento do II Encontro Mundial dos EGs, em 2 de novembro de 2003).

Eu saúdo esta Assembléia.

Ainda não sabemos muito bem como, mas um acontecimento foi produzido por todos nós.

Algo de novo aconteceu e eu vejo que estamos alegres por isso.

O que foi que aconteceu? 700 psicanalistas, intelectuais e cidadãos do mundo, ficamos magnetizados do primeiro ao último dia por uma vontade política que nos ajudou a atravessar a dita resistência ao mundo, falada por Derrida no início dos Estados Gerais, e lembrada agora a pouco por Rouanet.

Saúdo a soberania desta Assembléia e a sua potência. Aplaudo o encontro e a sua paixão alegre, sua intensidade e seu afeto. Ato poder, instituinte e produtor do novo. Para produzir o acontecimento apostamos tudo na assembléia e agora podemos dizer que acertamos.

Tudo foi pensado em função dela, inclusive a tão discutida função-leitor, mas também o programa proposto e a escolha dos convidados foram em função desta pequena multidão que se une para resistir.

A despedida não é triste porque há um produto: um novo estado indelével - para usar uma expressão que Freud utiliza para se referir ao efeito da cura - nos une de forma duradoura e desta união saberemos ainda recolher seus efeitos.

Eu os saúdo e peço um voto de aplauso para marcar o lugar que cabe a este Encontro dentro do movimento psicanalítico.

O PSICANALISTA COMO INTELECTUAL

Neste texto, complementar à saudação antes transcrita, oferecemos algumas reflexões pós-datadas do evento, que propõem a perspectiva de considerar o segundo Encontro acontecido no Rio de Janeiro não apenas como uma assembléia de psicanalistas, tal como tinha sido no primeiro Encontro em Paris, mas, principalmente, como incomum assembléia de intelectuais.

De fato, no transcorrer do Encontro ficou claro que, a partir do momento em que a assembléia fora convocada em nome da Atualidade (“Atualidade no Psicanalisar”), os psicanalistas que decidiram comparecer ficaram duplamente implicados: como psicanalistas e como intelectuais.

Isto porque, depois do 11 de setembro, momento em que o impensável aconteceu, o mundo contemporâneo não cessa de lançar profundas interrogações que desafiam as possibilidades de todas as áreas do pensamento e da intelecção do real. Desde então, o espectro do ominoso se levanta diante de nós e nos golpeia, como a todo mundo, na nossa capacidade de compreensão.

Onze-de-setembro funciona como um novo conceito que nomeia como terrorismo mundial esta nova manifestação do mal radical e nos interpela, a partir daí, a nomear todas as manifestações daquilo que se nos apresenta como

profundamente desconhecido. Não existem especialistas - de qualquer lugar do conhecimento que se trate, científico ou comum - que possam responder por si só diante de tão urgentes questões... nem que delas possam fugir. Não há saber acadêmico nem ciência estabelecida (política, social ou histórica) que seja suficiente para nos elucidar, por exemplo, sobre a nova concepção da guerra que veio no bojo daquela data-conceito... nem podemos escapar das suas reais conseqüências. Não há intelectualidade, em suma, que não fique confrontada com o mal atual do mundo nem que dele possa se desimplicar.

O intelectual orgânico ou comprometido que encontramos na genealogia mais recente do intelectual contemporâneo, seja ele militante, acadêmico ou corporativo, parece ter dado lugar ao intelectual confuso e envergonhado atual, que não consegue iluminar –velho ideal iluminista - a época em que efetivamente vive. Cada vez mais implicado e sem o tradicional álibi da neutralidade, quando seu pensamento crítico avança, tanto pode ser capturado para a ‘colaboração’ quanto para a ‘resistência’. A tradicional distinção entre intelectual de esquerda e intelectual de direita, assim como seus sucedâneos ‘revolucionário’, ‘reacionário’, ‘progressista’, ‘conservador’, etc., não nos ajuda muito na difícil tarefa de diferenciar os discursos dentro do campo das ‘idéias comprometidas’ ... sem ter que reduzi-las a vulgares ideologias.

No entanto, as formas mais duras da crueldade e da soberania que se manifestaram depois do 11/9 nos confrontam sem parar e nos deixam balbuciantes. A quem dirigir a pergunta sobre o homem-bomba? Qual a ciência ‘humana’ que se candidata a responder? Haveria a necessidade de uma nova reflexão filosófica sobre estes acontecimentos deflagrados tão recentemente? O fundamentalismo, o pensamento único, o totalitarismo, a tortura ... são repetições do mesmo - aquilo que

nosso pensamento acredita já saber - ou são novos paradigmas radicalmente diferentes de qualquer referência histórica? Entre o kamikaze e o homem-bomba existe continuidade ou ruptura? Ataque suicida-genocida? Pulsão auto-hetero destrutiva?

Assim como outros intelectuais, filósofos ou cientistas, os psicanalistas são interpelados (talvez especialmente) por essas terríveis perguntas e - é necessário reconhecer - os primeiros ensaios de resposta não se desenvolvem, como análises, muito além do plano da opinião, seja ela individual (articulistas, colonistas, comentaristas, críticos...) seja institucional (autoral). Seriam os analistas (da subjetividade, do social do político, etc.) especialistas impotentes para entender uma generalidade que não pára de se expandir?

Haveria que se reconhecer o fracasso da 'racionalidade analítica' para colaborar junto dos múltiplos entendimentos possíveis dos males do mundo, ou avançar num terreno que já sabemos estar totalmente minado pelas contradições mais explosivas, isto é, intelectualmente intoleráveis?

Pois é justamente neste ponto, única opção que se nos apresenta para não recuar, que encontramos o maior mérito da assembléia do Mundial-Rio: um grande coletivo de intelectuais autoconvocados para debater sobre os males do mundo, que soube levar o embate de suas diferenças até o limite do suportável, e até mesmo além do suportável. Para conseguí-lo, a assembléia contava com uma garantia: tratava-se do segundo encontro de um Movimento, isto é, algo mais do que uma reunião corporativa ou de elite, e algo mais do que um simples laço virtual de comunicação ou de reconhecimento. Todos sabiam que as diferenças que abrigavam seriam postas em tensão, mas não sabiam se o campo igualitário, necessário para sustentá-las, era suficientemente consistente. Ainda mais

considerando que o contraditório não seria puramente interno aos psicanalistas, como é de hábito com as diferenças de filiação, mas político e global; exterior, portanto, aos seus mais imediatos interesses profissionais e institucionais.

Todos os aderentes do Movimento, presentes ou ausentes no Mundial-Rio ficaram igualmente implicados diante do chamado. Mesmo aqueles que lhe contraditavam a forma ou o conteúdo participaram de sua produção. Até que ponto as contradições seriam toleradas por psicanalistas e não psicanalistas antes e durante o evento? E depois dele, até que ponto o Movimento dos Estados Gerais as comportaria?

Em nossos termos: considerando que temas explosivos costumam explodir quando tratados coletivamente, até que limite a tolerância intelectual entre intelectuais garante o sentido do encontro e o sentido do movimento entre iguais?

Não é possível se desfiliar de um movimento; é suficiente deixar de aderir às suas propostas de debate, mas, pelo que nos consta, o debate deflagrado no encontro do Rio permanece aberto ... e desencontrado.

É dentro do mesmo espírito de saudação à assembléia e dentro do marco polêmico que acabamos de esboçar que abordaremos agora as questões que motivaram esta pós- data, tentando analisá-las “antes que se fechem”.

Com efeito, pelo que temos visto, ouvido e lido (de maneira “informal”, motivo pelo qual nos desobrigamos de citar nomes) desde o Encontro até esta data, constatamos que as contradições que acabaram deslocando e polarizando o debate levaram certos analistas (presentes ou ausentes do Encontro) a negar a soberania da assembléia, considerando-a como “massa” manipulada, ou até mesmo negar-lhe a existência, desconsiderando-a como reunião internacional de psicanalistas. Esta

pequena nota, portanto, pode ser considerada como nota de desagravo daquela mesma assembléia que antes saudamos.

O primeiro efeito dessa negação, concentrada exclusivamente na crítica da fala do convidado Tariq Ali e da reação imediata da assembléia, se encontra na negação da pluralidade de pensamento nitidamente expressa no conteúdo dos trabalhos apresentados, no relato dos leitores, na fala dos outros conferencistas, assim como das falas espontâneas de todos os presentes.

Revelando inabilidade (ou inexperiência) para analisar o ato político coletivo, certos comentaristas do discurso de Ali o tacham de antiamericano, anti-semita e pró-terrorista - nem mais nem menos - e, principalmente, desqualificam a assembléia reduzindo-a, no mesmo golpe, a uma massa uniformemente 'seduzida' pelo orador e subitamente incapacitada de reagir intelectualmente diante de tão graves intenções. Como prova de tão espantosa façanha, estes críticos apontam - exclusivamente - a habilidade retórica de Ali, suficiente para submeter o pensamento de todos. A prova dessa inacreditável submissão nos é apontada não em qualquer palavra expressa do plenário, mas nos seus gestos barulhentos, principalmente nos risos e nos aplausos com que 'invariavelmente' reagia ao 'líder'. Ainda mais: algumas destas críticas (poucas, mas não insignificantes) lançam sombrias suspeições em direção dos 'organizadores' do evento, responsabilizando-os pelo "erro" de ter convidado Tariq Ali ou por não ter interferido na 'regulação' do debate.

Para além da crítica, novamente nega-se o caráter coletivo e autodeterminado do evento, posicionando-se, desta forma, fora do debate. Qual seria o lugar, se não de uma análise tão concludente que nada diz da sua implicação com o acontecimento que critica? Qual seria o lugar deste magnífico analista que reduz um

plenário de 700 psicanalistas intelectuais debatendo o contemporâneo a um puro efeito de massa exaltada pela esperteza comunicativa de um intelectual militante?

A partir deste “erro” central, as negações se sucedem em efeito dominó: nega-se o segundo Mundial como continuidade do primeiro e, principalmente, nega-se o caráter internacional do Encontro, reduzindo-o a um fenômeno (tipicamente?) latino- americano.

Foi Derrida quem, no primeiro Encontro em Paris, se “antecipou” ao onze-de-setembro, instando os psicanalistas a discutir “sem álibi” sobre a crueldade, a soberania e a resistência e diagnosticou uma espécie de doença auto-imune para apontar o obstáculo que se localiza “entre” os analistas que se propõem analisar os novos fatos contemporâneos.

Como entender, então, que não haja continuidade com o Encontro no Rio de Janeiro, que convoca decididamente à discussão de temas extra-institucionais como o fundamentalismo, a soberania do império, o poder do Estado e a crueldade do terrorismo? Não são temas para psicanalistas nem para intelectuais? Ou temos que entender que há diferenças descontínuas entre intelectuais europeus e latino-americanos a respeito desses temas? A questão do terrorismo, por exemplo, pode nos servir para balizar os diferentes momentos de posicionamento (ou silenciamento) de intelectuais de lá e de cá, inclusive de psicanalistas.

Para nós, latino-americanos, que durante muito tempo vivemos os efeitos do terrorismo de Estado e de sua guerra de extermínio, é impossível ver na guerra global contra o terrorismo pós onze-de-setembro um fato absolutamente novo que deve ser enfrentado com declarações intelectuais condenatórias. Não podemos esquecer que o próprio movimento dos Estados Gerais da Psicanálise foi lançado para salvar o lapso sofrido por muitos intelectuais-psicanalistas que pareciam nada

saber a respeito da tortura e da violência de Estado vivida na Argentina e no Brasil. Durante muito tempo vivemos sob Estado de exceção da ordem democrática e não nos resulta fácil definir que sem democracia não há psicanálise, como parece acontecer com alguns colegas europeus. Quase trinta anos depois das primeiras denúncias de psicanalistas acumpliciados com a tortura, o I Mundial dos EGs em Paris tenta resgatar a psicanálise desta renegação e convoca os psicanalistas para discutir as suas implicações com o social e o político. Como entender que agora, no II Mundial no Rio, alguém possa ver um plenário inteiro se manifestando como pró-terrorista e anti-semita, junto com seu convidado? Será possível sustentar um debate amplo sem cair no perigoso maniqueísmo do pró e do anti, usado apenas como álibi para encobrir a perplexidade em que estamos diante dos conflitos que assolam o mundo (e não somente o árabe-israelense)?

Não sabemos como o II Mundial do Rio de Janeiro se inscreverá na história do movimento psicanalítico, mas um resultado é certo: quem dele participou - estes sim, grande maioria - nos dá o inequívoco testemunho de ter vivido uma experiência coletiva ímpar, depois da qual não é possível qualquer ingenuidade.

Eduardo Losicer

Julho de 2004